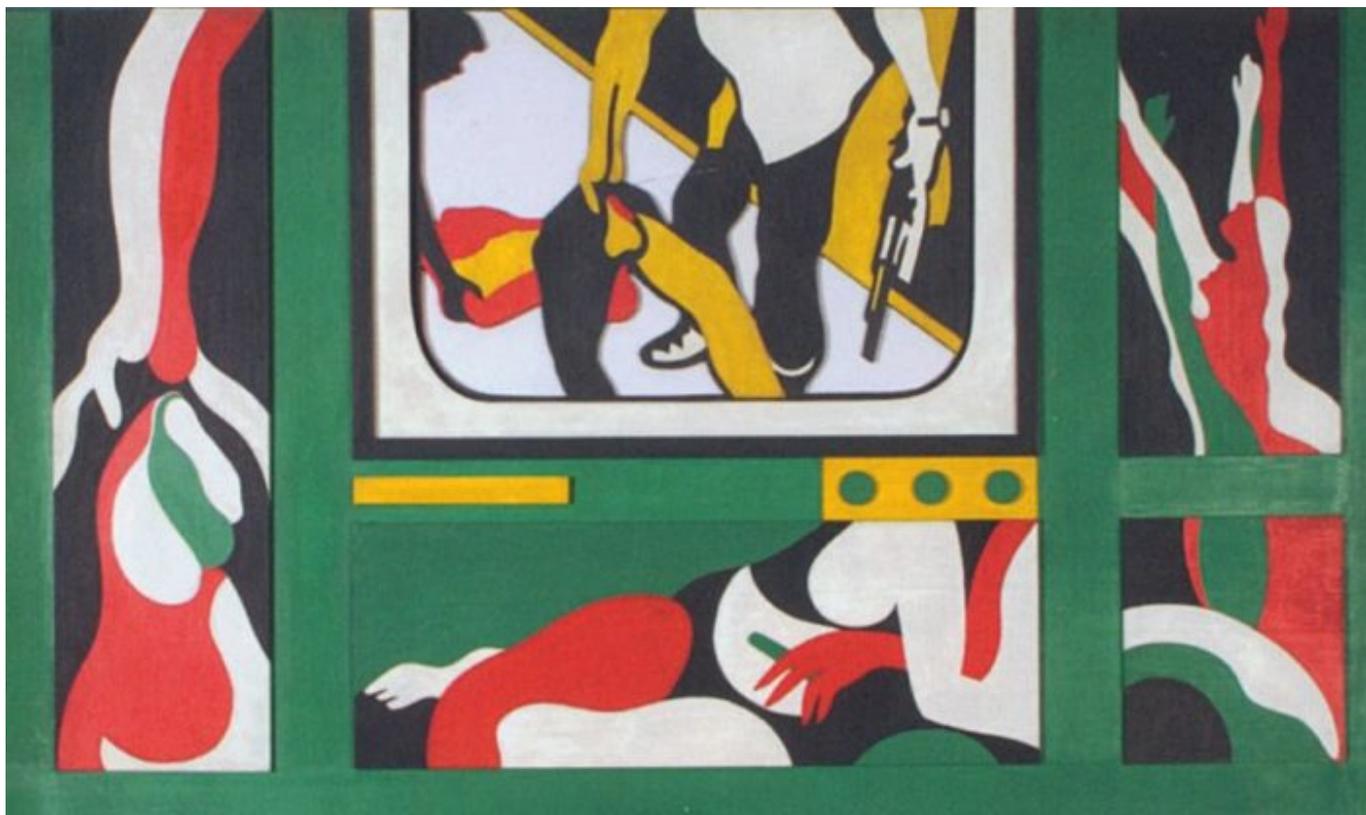


Carta semanal 36 (2018): Com Samir Amin ao nosso lado



Queridos amigos e amigas,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

O resultado das eleições no Brasil é chocante. Jair Bolsonaro, que assumirá o cargo no início do ano que vem, será o chefe de governo mais extremista do planeta. Se ele cortar a Floresta Amazônica – como **promete** – será catastrófico para a vida. Bolsonaro pode se envolver em uma forma de **Braxit**, a remoção do Brasil dos BRICS e levá-lo para a OCDE – mudar o Brasil de seu compromisso com o Sul para os braços do Ocidente. De Rodrigo Duterte a Bolsonaro, de Narendra Modi a Donald Trump – os Poderosos assumiram (minha breve **nota** em *The Hindu* sobre a eleição). Esses homens são feitos do mesmo material. A monstruosidade dos neo-fascistas encoraja a violência contra as pessoas comuns, mas protege a riqueza da elite. Esta é a violência dos tolos. A vigilância por pessoas sensíveis é essencial. Nada disso é normal. Ver isso como tal é uma derrota. Vivemos em uma época do anormal, uma era de monstros, uma era dos poderosos, a devastação da humanidade, a dor de pessoas decentes.

A pintura acima é de Teresinha Soares, de sua série conhecida como *Vietnã* (1968). Pode muito bem ter sido chamado de *Brasil* (2019).



Nossa carta semanal hoje é um pouco diferente. A maior parte foi o texto de uma palestra que proferi em uma conferência sobre o trabalho do economista marxista Samir Amin (1931-2018) em Ramallah (Palestina). Nesta semana, lançamos nosso primeiro Caderno, que compreende uma das últimas entrevistas dadas por Samir Amin. A entrevista foi conduzida por nossos colegas do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social** Jitheesh PM e Jipson John. E perfeitamente diagramado por Tings Chak. Por favor, leia o Caderno, baixe gratuitamente **aqui**, use-o como quiser – ensine a partir dele, mantenha discussões em torno dele e dê a pessoas que possam se beneficiar de uma cartilha sobre o trabalho de Samir Amin.

E em breve, no *LeftWord Books*, é *Only People Make Their Own History: Political Essays, 2000-2018*, uma coleção de ensaios de Samir com uma introdução por seu amigo o intelectual marxista Aijaz Ahmad.

Por enquanto, um breve desvio para outro mundo.



Você faz parte da liderança de um movimento popular que acaba de conquistar o poder em seu país. Seu compromisso não é com o nacionalismo burguês, mas com o socialismo. Você é de um país que esteve sob domínio colonial e depois de uma subordinação neocolonial, ou de um país que não foi formalmente colonizado, mas mesmo assim experimentou todo o peso do imperialismo. Sua economia está em frangalhos, sua matéria-prima é extraída do país, seu povo é reduzido a trabalhar na cadeia global de commodities. O seu país não conseguiu forjar uma política externa independente nem uma política social ampla. Um surto popular que começou com um motim anti-FMI leva você ao poder. A janela de possibilidade para o seu governo começou a fechar assim que é aberta.

O que você vai fazer?

O embaixador dos EUA – acompanhado por uma delegação de representantes locais de empresas de capital monopolistas e da oligarquia local – vem ver você e seus companheiros. Este bando de pessoas importantes se agita, chegando para garantir que seu governo deixe de lado suas grandes promessas para o povo e – depois de alguns esquemas leves de pagamento de transferências para enfrentar a terrível pobreza – retomar o *status quo*. Afinal, diz o embaixador dos EUA, o *status quo* tem sido bom para o país. O Investimento Direto Estrangeiro (IDE) fluiu, o relatório do FMI sobre sua visita de funcionários foi produtivo, o PIB está em alta, a moeda está relativamente estável e a oligarquia – bem, a oligarquia tem sido o orgulho da nação. O embaixador sacode um dedo na sua cara – acordos de armas precisam ser assinados, acordos militares precisam ser ratificados. O barco está em equilíbrio, diz o embaixador. Não tem sentido em balançar isso.

Você sabia que esta delegação viria ver você. Nada dizem ou surpreendem você. Países como o seu – países do atraso (*takhalluf*) – não controlam seu destino. O domínio colonial alterou a estrutura da política e da economia, bem como da sociedade. Antigos notáveis foram marginalizados ou absorvidos pelo novo mundo, onde se tornaram meros representantes de forças que viviam em outro lugar. As novas elites que surgiram representavam os interesses de si mesmas, certamente, mas também de forças externas – não de suas próprias populações que haviam sido reduzidas a escombros pela pilhagem do domínio colonial. A pobreza acompanhava o analfabetismo e a doença. O atraso não foi culpa da sua cultura, mas desta história imperialista. Seu movimento saiu das favelas, onde a maior parte do seu povo vive. Eles falaram com você. Eles te deram o seu programa de ação. Eles querem que você aja.

Quando seu povo conquistou a independência ou derrubou sua monarquia cinquenta anos atrás, as novas elites tomaram o poder. Eles ofereciam suas matérias-primas e seus trabalhadores por preços baixíssimos, desde que tivessem uma parcela dos lucros. Foi por isso que eles conquistaram a independência – para aumentar sua participação no roubo. Esse suborno em larga escala foi então replicado na hierarquia de classes, à medida que seu país se tornou um país de suborno, em vez de iniciativa social. Nenhum desenvolvimento pode chegar ao seu país, cujo avanço social foi bloqueado por obstáculos estruturais, como os termos de troca para seus produtos primários e sua dependência de financiamento das antigas potências coloniais. Seus ricos minerais e produtos agrícolas encontram seus preços flutuando e permanecem baixos, enquanto os preços dos bens manufaturados importados das potências imperialistas aumentam. A diferença entre esses dois deixa o seu patrimônio público em dívida permanente. Você toma dinheiro emprestado das margens dos países imperialistas e usa a moeda deles para o seu comércio internacional – ambos atraindo você para o que você sabe ser o imperialismo das altas finanças. O subdesenvolvimento é o único desenvolvimento que seu país experimenta.

Seu grupo de revolucionários passou as décadas sob as nuvens da guerra do FMI estudando o “ajuste unilateral” imposto ao seu país. Você descobre Samir Amin, que lhe dá esse conceito de ajuste unilateral. Isso significa que a estrutura política para qualquer governo de seu país será canalizada por regras elaboradas em outros lugares, regras que beneficiam os antigos poderes coloniais e empobrecem seu próprio país. Até os socialistas estão presos por esse ajuste unilateral. Estruturas como a troca desigual e o saque antiquado diminuem vampiricamente a riqueza do seu país. Seu país foi forçado a se adaptar às necessidades e interesses das antigas potências coloniais. Você nunca pode ser livre.

Este é o momento para você testar a teoria da desvinculação – o conceito que você absorve de Samir Amin. Desvincular não é romper com o mundo e isolar-se. Isolamento não é possível. Se você romper com o ajuste unilateral, você será derrubado em um golpe ou em uma intervenção militar em nome da salvação de civis ou você estará sob sanções e embargos por décadas. Você não quer se isolar. Você é um internacionalista.

Desvinular significa lutar para estabelecer uma estrutura alternativa para as suas relações com o mundo, para forçar os outros a se ajustarem às necessidades e interesses da classe trabalhadora e do campesinato em seu país e em outros países. Desvinculação, você leu em Samir Amin, significa “modificar as condições da globalização”.

Você despede a delegação educadamente. As assinaturas não podem ser feitas agora. Eles terão que esperar.

Há um grande encontro do povo em frente ao palácio presidencial. Você vai antes deles. Seu futuro está na balança. Eles olham para você. Eles querem que você os represente contra o embaixador dos EUA, o traficante de armas, os oligarcas, os generais militares, os capitalistas monopolistas, o FMI, o Banco Mundial, as ONGs...

Seu discurso será longo. Há muito a dizer. Você será interrompido. As pessoas têm que se pronunciar. Você anuncia uma série de decretos.



Decreto n. 1. Controles de Capital. Você anuncia que os mercados de capitais não são mais livres, que haverá barreiras colocadas antes da capacidade do capital de entrar e sair de seu país à vontade. Haverá agora restrições à compra e venda de sua moeda nacional, haverá exigências mínimas de permanência sobre o investimento estrangeiro e haverá taxas de transação para a saída de moeda do seu país. Esses controles – essenciais como um primeiro passo – permitiriam ao governo alguma autonomia para desenvolver uma política monetária independente e perseguir uma agenda socialista.

Decreto n. 2. Renegociação imediata de todos os negócios de extração. Você diz que todos os acordos de

mineração anteriores são agora nulos e sem efeito e que estes serão renegociados imediatamente. Seu Ministério de Mineração e Ministério da Economia será forense na análise dos acordos, certificando-se de apagar a possibilidade de erros de cobrança e outros meios fraudulentos usados por empresas monopolistas para extrair os lucros extras dos preços de mineração. Você também insistirá que as empresas de mineração processem a matéria-prima dentro de seu país, que transfiram a tecnologia para a mineradora estatal para que ela possa começar seu próprio processamento das matérias-primas.

Decreto n. 3. Revigorar sua moeda. Você vai colocar em prática medidas para desatrelar sua moeda do dólar dos EUA e produzir um meio mais distribuído de pesar sua moeda (com o Renminbi chinês, o euro e os dinares do Kuwait e do Bahrein, bem como o Rial de Omã) . Você não permitirá que sua moeda importe a inflação através da manipulação de moeda, para a qual você agora instituirá um mecanismo de rastreamento em seu regime de taxa de câmbio.

Decreto n. 4. Aumentar os bens e serviços públicos. Você reúne os bens e serviços públicos – como saúde e educação, fornecimento de água e eletricidade – e transfere suas provisões para o Estado. “Isso não é suficiente”, as pessoas gritam. Eles querem mais. Eles sabem que um sistema centralizado de distribuição de eletricidade só criará uma burocracia hierárquica. Você diz a eles que isso é apenas provisório. Você passará a descentralizar o fornecimento de água e as redes elétricas, a melhorar as medidas ambientais e a construir cooperativas que administrem esses setores descentralizados. Esses bens e serviços serão considerados como salários sociais, de modo que não haverá mais nenhuma taxa pelo serviço. Nenhuma civilização, as pessoas anunciam, deve ganhar dinheiro em educação ou saúde. Você incentivará a criação de cooperativas e comitês de bairro para garantir que os serviços sejam distribuídos adequadamente e que o trabalho voluntário seja uma parte fundamental da criação de uma sociedade rica.

Decreto n. 5. Aumentar o setor bancário estatal. “Abaixo os bancos”, dizem as pessoas. Eles querem que você nacionalize o setor bancário e o converta em um serviço público que deve operar sem preocupação com o lucro. Os agricultores e os pequenos empresários devem poder contrair empréstimos com o entendimento de que os seus negócios não podem proporcionar uma taxa de retorno nem uma velocidade de retorno igual à do setor financeiro. A competição por tais empréstimos não é o que pode ser feito por um investimento em derivativos ou no mercado de câmbio. A tarefa desses bancos é melhorar a economia, dizem as pessoas, e não para ganhar dinheiro para os próprios bancos e para as elites, assim como para o capital internacional.

Decreto n. 6. Fabricas Eco-Socialista. As pessoas falam sobre como vivem, em favelas com efluentes sujos de indústrias sujas. Eles querem que você nacionalize os setores estratégicos e apressadamente converta a produção poluidora em produção ecológica, usando materiais locais tanto quanto possível e trabalhando contra a externalização da poluição para produzir bens lucrativos.

Decreto n. 7. Fortalecer os sindicatos de trabalhadores e camponeses. Você sabe que sua base está entre os trabalhadores e os camponeses, assim como os moradores de barracos desorganizados. Você quer fortalecer seu poder, para transformá-los em um muro que possa defendê-lo contra os ataques da elite local, os militares e o imperialismo. Se a sua base não for forte, você será fraco. “Queremos sindicatos robustos”, dizem as pessoas, sindicatos de trabalhadores e sindicatos de camponeses. “Queremos que nossos sindicatos controlem nossas economias e nossas pensões”, dizem eles, para criar bancos cooperativos para investir em nossas comunidades, para nos dar seguro. Esses sindicatos – ao lado de cooperativas e comitês de bairro – se tornarão a base do poder político local.

Decreto n. 8. A dignidade deve ser garantida. As pessoas nunca devem sentir que a sociedade ou o Estado as desapontou. “Não queremos que o estado seja uma burocracia distante”, dizem as pessoas. Eles lutam por todas as melhorias de sua dignidade, porque – como dizem – “não pode haver liberdade sem a liberdade de toda comunidade”. As leis que se sobrepõem à dignidade serão dilaceradas e novas leis serão produzidas, leis que dão aos homens e mulheres igualdade do local de trabalho à herança, leis que dão a todas as minorias sociais e étnicas liberdade total na sociedade e no estado. As relações entre as pessoas são destruídas pela intervenção entre elas de hierarquia e propriedade. “Dignidade e consideração mútuas”, dizem as pessoas, “deve ser o valor que mantém as pessoas juntas”.

Decreto n. 9. Estabelecer uma Comissão Estatal de Esclarecimento. Parte do fortalecimento de sua base é garantir que a ideologia da classe dominante não seja a ideologia do povo. “Vamos ler”, dizem as pessoas, “vamos ler livros que nos dizem sobre nós mesmos, ler na internet algo que nos reflete e não nos diminui”. Você formará uma Comissão do Estado que estudará todos os livros didáticos e toda a literatura para oferecer um aparato crítico para a alfabetização e para a ciência, que aumenta o poder das pessoas e não diminui seu senso de identidade. Você insistirá que as pessoas lutem para tornar a Internet um lugar de respeito mútuo e não uma batalha de interesses e dinheiro egoístas.

Decreto n. 10. Abolir a exaltação à elite e exaltar o povo. Você vai dismantelar os monumentos erguidos em honra à elite e os mestres coloniais, bem como mudar o nome das ruas. “Nós odiamos os nomes das ruas”, alguém interrompe. Todas as estátuas serão transferidas para um Museu da Hierarquia, onde as crianças da escola aprenderão sobre os velhos tempos do colonialismo e do domínio oligárquico. Você criará instituições culturais que melhorarão a prática cultural das pessoas, introduzirão formas horizontais de entretenimento e alegria – incluindo a promoção de festivais e apresentações em centros comunitários administrados por comitês de bairro.



Você antecipa o ataque do imperialismo. O Investimento Direto Estrangeiro vai secar. Navios de guerra virão ao longo de seu litoral. Você sabe que não pode sobreviver sem uma força adicional que precisa ser acionada como parte do processo de desvinculação – o regionalismo.

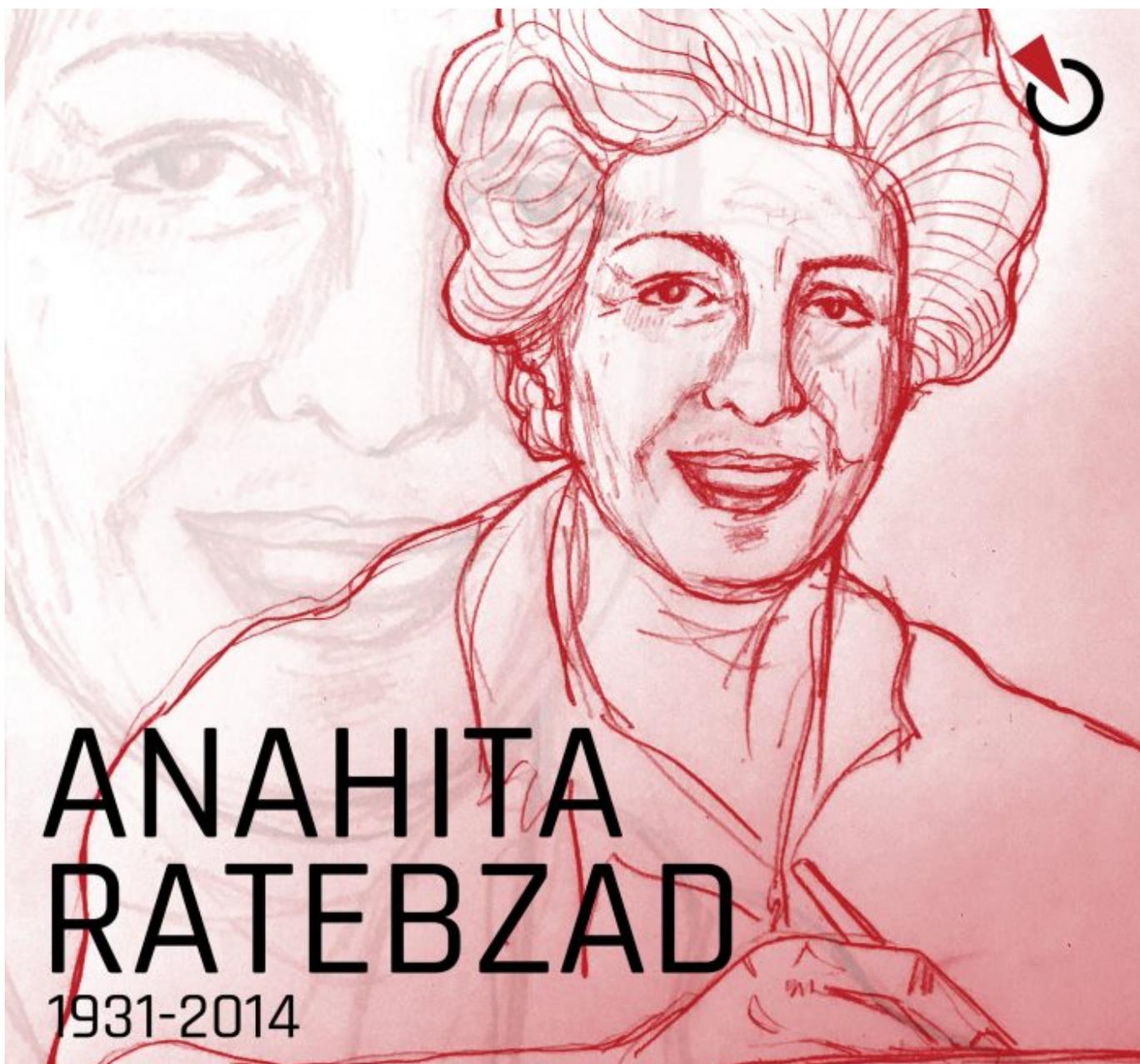
Você convoca uma conferência com seus vizinhos, pedindo que concordem com o fortalecimento do antigo pacto regional que permaneceu adormecido. Este pacto regional revivido terá de resolver antigas disputas fronteiriças – a maioria delas uma herança do colonialismo – e terá de ser o local por meio do qual você constrói a confiança umas com as outras. Você espera que um ou dois outros poderes adjacentes a você tenham um governo socialista ou pelo menos um governo com pretensões socialistas. Você quer dar-lhes força e liderança. Você quer que eles concordem com termos favoráveis para o comércio regional e para o desenvolvimento regional. Você gostaria de compartilhar acordos de defesa para que cada um de vocês não precise gastar tanto na importação de equipamentos militares. Você gostaria de investimento regional em uma companhia aérea regional e em um serviço ferroviário regional. Os cidadãos não precisam mais ir ao antigo país colonial para mudar de avião e, em seguida, chegar à capital de seus vizinhos. Eles devem ser capazes de ir direto de um país para outro. Você gostaria de criar um sistema monetário regional, para que você não precise negociar entre si usando a moeda dos poderes imperialistas. Um sistema bancário regional, um meio de comunicação regional, um ajuste regional de necessidades e interesses longe da metrópole e para os vizinhos – um regionalismo desvinculado.

Você pode ouvir os imperialistas, como chacais, uivando a distâncias. Você espera que tenha tempo suficiente. Você espera que seu povo tenha paciência e força. Você espera que seus parceiros regionais não irão ceder frente as pressões. Você tem o livro de Samir Amin perto de você. Eles estão ao seu lado. Você tem esperança, tem o povo e tem Samir Amin. Isso é um começo... Nada aqui é original. Tudo foi tentado anteriormente. Tudo deve ser tentado novamente.

**

Cordialmente, Vijay.

Ps: A imagem abaixo é de Anahita Ratebzad (1931-2014). “A emancipação da mulher”, disse, “deve ser parte central de qualquer movimento de esquerda”. Esta comunista afegã se tornou a ministra dos Assuntos Sociais após a Revolução Saur de 1978. Nos primeiros dias de seu novo governo, a esquerda declarou que as mulheres tinham o direito à educação igualitária, segurança no emprego, serviços de saúde e direitos iguais à família e pelo divórcio. Como líder da Organização Democrática de Mulheres Afegãs, Anahita trouxe milhares de novos membros para lutar por seus direitos. Ela foi exilada em 1992, mas nunca parou de sonhar com um Afeganistão socialista.



ANAHITA RATEBZAD

1931-2014